

O INVENTOR DE IDIOMAS

José D'Assunção Barros¹

Ainda adolescente,
Inventou duas ou três palavras
Que não se achavam em qualquer idioma.
Não faziam sentido em inglês, bielorusso ou javanês!
A bem dizer de todos os dizeres, não faziam sequer sentido
Mesmo neste código mais do que secreto: o português.

Depois percebeu que as duas ou três palavras,
Que àquela altura já eram quatro ou cinco,
Não eram irmãs, nem distantes primas.
Estranhavam-se, umas às outras,
Como se não fossem feitas
Da mesma alma-carne.

Por causa disso
– *da solidão das suas palavras* –
Demoradamente dedicou a sua vida
A inventar os idiomas que pudessem acolhê-las.
E ainda fundou uma escola de tradutores,
Para traí-las *umas nas outras*.

Mais cedo do que mais tarde,
Alguns ociosos fundaram cátedras
Especializadas em ensiná-las e estudá-las
Muito solenemente, com leveza ou gravidade.
Assim, ele ganhou o seu primeiro – e *único* – Nobel,
Em uma nova categoria que não era a Literatura,
Recém-inventada, especialmente para ele.

¹ Possui doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1994), graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), graduação em Música (Composição Musical) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). É Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Quando por fim morresse
– do que dois ou três seguidores duvidavam –
Alguém haveria de escrever na lápide, à maneira de epitáfio:
“gênio da humanidade”, “*inventor de palavras*”.
Mas um outro, ao perceber a injustiça,
Certamente iria logo corrigir,
depois de um risco
no falso dito:
“inventor
de idiomas”.

E o mundo
ficaria em paz...
– Qual sagrado cálice –
Como nunca esteve depois do Verbo.

Recebido em: 23/05/2022

Aprovado em: 04/12/2022

Publicado em: 28/12/2022



10.29281/r.decifrar.2022.2a_9